

A Situação Mundial: No meio de um tornado político global

Notas sobre eventos globais caracterizados pela Guerra na Ucrânia, pela rivalidade inter-imperialista, crise global de energia e alimentos, assim como protestos espontâneos em massa

Por Michael Pröbsting, Secretário Internacional da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRICIT), 13 de abril de 2022, www.thecommunists.net

Conteúdo

Introdução

Sobre as causas e a natureza da Guerra da Ucrânia

A resistência patriótica do povo ucraniano que Putin não esperava

Continuidade e transformação do regime bonapartista de Putin

Sobre a dramática aceleração da rivalidade inter-imperialista

Uma enorme mudança na política externa do imperialismo estadunidense

Desafios para o imperialismo da União Europeia-UE

Rachaduras na economia mundial capitalista

A resiliência da Rússia contra as sanções ocidentais

Quem pisca primeiro?

A ameaça à ordem financeira global dominada pelo dólar americano

No início de uma nova onda global de insurreições em massa

A crise da liderança revolucionária e a luta contra o social-imperialismo, contra o social-pacifismo e o economismo imperialista

Conclusões

Nota Preliminar: O documento a seguir é uma tentativa de resumir os desenvolvimentos dos eventos mais importantes da situação mundial atual. Não representa uma análise detalhada, pois este não é o momento que se permite profundamente a fundo no estudo. Além disso, a Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI/RCIT) tratou da Guerra da Ucrânia, da rivalidade inter-imperialista e da Grande Depressão da economia mundial capitalista extensivamente em outras obras e remete os leitores a elas nas notas de rodapé dos textos em questão.

Além disso, precisamos enfatizar que este documento se concentra nos desenvolvimentos dos eventos atuais. Embora isto se justifique plenamente dada a natureza histórica dos eventos atuais, estamos também cientes de que tal foco dá a nossa análise um certo caráter conjuntural de curto prazo.

Entretanto, esperamos que este documento ajude a fornecer uma visão geral e um guia para ativistas revolucionários diante de uma situação política mundial altamente complexa, bem como uma situação muito explosiva. Estamos vivendo um período político a partir do qual a história está sendo construída!

* * * * *

Introdução

Somente os otimistas mais cínicos podem negar o fato de que estamos a viver em meio a um tornado político global. A situação mundial é caracterizada por quatro eixos principais que determinarão os desenvolvimentos dos eventos futuros no decorrer deste ano.

* A invasão de Putin à Ucrânia representa um ataque de uma Grande Potência contra aquele que é o país mais populoso desde a Guerra do Vietnã (e que também é um país vizinho).

* A rivalidade inter-imperialista entre os EUA, a Europa Ocidental e a Rússia está mais próxima de um confronto militar direto ou mesmo de uma guerra mundial do que nunca desde 1945.

* A economia mundial capitalista permanece presa dentro da Grande Depressão que começou no outono de 2019. Ela entrou numa segunda recessão desde 2021 e que se acelerou nas últimas semanas desde o início da Guerra da Ucrânia.

* Estes eventos provocaram um aumento dramático dos preços da energia e dos alimentos - e, portanto, da inflação em geral. Como resultado, estamos no início de uma nova onda global de revoltas em massa, como demonstram os eventos no Sri Lanka, no Peru e em outros países.

Antes de tratarmos destes quatro eixos com mais detalhes, precisamos antes explicar o seguinte: Em nossa opinião, é crucial entender que todos estes desenvolvimentos não podem ser entendidos isoladamente, uma vez que estão relacionados entre si. Embora cada um deles tenha suas próprias causas e mecanismos concretos, estes desenvolvimentos influenciam fortemente, moldam e aceleram um ao outro.

A razão para este contexto é basicamente o fato de estarmos vivendo um período histórico de decadência capitalista refletida em crise econômica, deterioração social e crise ambiental. Tal declínio

força a classe dominante de todos os estados a intensificar seus ataques contra a classe trabalhadora e as massas populares em seus próprios países. Além disso, empurra as Grandes Potências a acelerar a rivalidade inter-imperialista. Estes desenvolvimentos, por sua vez, resultam na desestabilização política e social e numa mudança da classe dominante em direção ao militarismo e ao bonapartismo estatal chauvinista. Além disso, estes desenvolvimentos inevitáveis provocam as massas a se rebelarem contra estes ataques. [1]

É evidente que estes desenvolvimentos se alimentam mutuamente. A crise econômica e a instabilidade política e social em casa provocam a classe dominante a recorrer à repressão em casa e à agressão militarista no exterior. O protecionismo e as guerras provocam escassez econômica que, por sua vez, resulta em agitação social, bem como em rivalidade acelerada entre as Grandes Potências a fim de controlar o máximo possível os volumes decrescentes de commodities cruciais disponíveis (energia, matérias-primas cruciais, semicondutores, colheitas, etc.)

Sobre as causas e a natureza da Guerra da Ucrânia

Como elaboramos a posição da CCRI sobre a Guerra da Ucrânia em numerosos documentos, vamos nos limitar, neste momento, a resumir brevemente nossa abordagem. Consideramos crucial reconhecer o *caráter duplo* do atual conflito. A Guerra da Ucrânia é o resultado de uma invasão por parte da Rússia - uma potência imperialista - contra um país semicolonial. [2] Portanto, a resistência do povo ucraniano contra a Rússia tem o caráter de uma guerra justa de defesa que merece o apoio total dos socialistas em todo o mundo. [3]

Por esta razão, a CCRI iniciou a campanha de *Ajuda Internacional aos Trabalhadores* que traz apoio material ao povo ucraniano - o "*Sunflower Convoy*" (*Comboio Girassol*) - em colaboração com os socialistas na Ucrânia, bem como com organizações de pessoas oprimidas nacionalmente. [4]

Ao mesmo tempo, a Guerra da Ucrânia é o pretexto para a aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências imperialistas - antes de tudo, entre os EUA e a Europa Ocidental contra a Rússia. Neste conflito, a CCRI defende uma posição *revolucionária de derrota*, opondo-se a *ambos os campos* - Rússia e OTAN. Resumimos nossa posição nos seguintes slogans:

** Defender a Ucrânia! Derrotar o imperialismo russo! Solidariedade popular internacional com a resistência nacional ucraniana – ao mesmo tempo sem apoiar qualquer influência imperialista!*

** Abaixo todas as potências imperialistas - a OTAN e a UE, assim como a Rússia! Em todos os conflitos entre essas potências, os revolucionários devem lutar contra os dois campos!*

Neste ponto nos limitaremos a algumas observações sobre possíveis desenvolvimentos futuros da guerra. Basicamente, acreditamos que esta guerra terá um *caráter duradouro*. É bem possível que haja um cessar-fogo por algum tempo, mas basicamente este conflito não poderá ser resolvido num futuro próximo, dada a natureza das forças envolvidas, bem como dos seus interesses antagônicos. A razão básica para isto é o fato de que a Guerra da Ucrânia tem um *caráter estratégico para todas as partes envolvidas de forma direta e indiretamente*. Vamos explicar isto em detalhe.

A resistência patriótica do povo ucraniano que Putin não esperava

Enquanto as tropas da Rússia conseguiram conquistar território do tamanho da Grã-Bretanha no primeiro período da guerra, a invasão estagnou desde então e, no início de abril, as forças de ocupação tiveram que se retirar da região norte (Kiev, Chernihiv e Sumy). A principal razão deste sucesso das forças armadas ucranianas é a resistência heroica do povo baseada em uma onda de entusiasmo patriótico. Nossos camaradas na Ucrânia relatam que desde o início da guerra vemos a criação de uma nova geração de jovens entusiastas dispostos a lutar e a morrer por seu país. É muito provável, portanto, que a resistência ucraniana continue por um longo tempo.

Ao contrário das expectativas de Moscou, a invasão provocou um ódio muito difundido contra os agressores putinistas não apenas na parte ocidental da Ucrânia, mas também entre as partes da população de língua russa no leste do país. Isto se reflete, entre outros, no fato de que mesmo os líderes dos partidos pró-russos tradicionais denunciam a invasão. O prefeito de Kryvyi Rih Oleksandr Vilkul, outrora líder proeminente do *Bloco de Oposição* pró-russo, chamou seu ex-colega Oleg Tsariov de traidor por seu apelo para começar a colaborar com o exército russo. A facção de outro partido pró-russo do *Bloco de Oposição - Pela Vida!* na Câmara Municipal de Kherson votou a favor de sua dissolução. Em cidades ocupadas pelo exército russo, manifestações populares contra os invasores estão ocorrendo apesar do grande risco para suas vidas. Em contraste, as forças de ocupação não conseguiram até agora organizar uma única manifestação em apoio a sua presença! Quase nenhuma das autoridades municipais nos territórios ocupados (por exemplo, em Kherson, Melitopol, Skadovs'k) está disposta a colaborar com os ocupantes russos. [5]

Estes fatos confirmam pesquisas publicadas já antes do início da guerra, que mostraram não apenas uma ampla rejeição da invasão, mas também uma disposição para pegar em armas. Não há dúvida de que a brutalidade da campanha militar russa, as táticas de cerco das grandes cidades que aumentam o sofrimento humano e a matança indiscriminada de civis só reforçarão esta determinação. Isto significa que qualquer ocupação de partes da Ucrânia será muito cara para os invasores russos e será, portanto, insustentável a longo prazo.

Por todas essas razões, é muito arriscado para o governo burguês Zelensky aceitar qualquer acordo de paz que deixaria uma grande parte do país sob o controle da Rússia. Nesse caso, o ex-comediante seria imediatamente denunciado como traidor por seu próprio povo e teria que temer por sua vida.

Continuidade e transformação do regime bonapartista de Putin

Houve também um importante processo de transformação do regime de Putin na Rússia. Tem sido um regime bonapartista cuja legitimidade popular repousa na capacidade de i) superar o período caótico e humilhante dos anos 90 (caracterizado pelos efeitos da restauração capitalista), ii) restaurar até certo ponto a "grandeza" da glória da Rússia como Poder Global e iii) criar a base de certas riquezas para a classe média e a aristocracia trabalhista.

No entanto, os efeitos da Grande Depressão minaram a estabilidade econômica. Além disso, a aceleração da rivalidade das Grandes Potências colocou o regime de Putin diante da alternativa de fazer um recuo ou de tomar a ofensiva.

Acreditamos que Putin está ciente de que existe uma janela de oportunidade desde que os EUA sofreram importantes reveses no passado recente, a UE está desunida como sempre e a China - aliada estratégica de Moscou - está acumulando força. (Como é sabido, Xi e Putin declararam em sua declaração conjunta no início de fevereiro que a "*amizade entre os dois Estados não tem limites*" [6]). Além disso, a Rússia desenvolveu mísseis hipersônicos que lhe proporcionam uma certa vantagem militar frente aos EUA - mas somente até que Washington consiga recuperar-se em um ou dois anos. Sob estas condições, Putin - um político de pensamento estratégico e, por nenhum acidente, no poder por 23 anos - decidiu agora atacar a Ucrânia.

O regime de Putin tem explorado a guerra e o conflito com a OTAN para instigar uma onda arqui-reacionária em favor do grande chauvinismo russo. Isto foi conseguido com a ajuda de um gigantesco mecanismo de propaganda dirigido pelo Estado em combinação com a repressão contra a mídia liberal de oposição (por exemplo, a estação de rádio *Ekho Moskvy*, a estação de TV *Dozhd* e o jornal *Novaia Gazeta*). Além disso, não se deve subestimar as consequências políticas da política agressiva ocidental de sanções sem precedentes que tem fortalecido os sentimentos chauvinistas entre a elite e a classe média. Um observador político comentou: "*Se não estiver realmente morto, o ocidentalismo russo está em algum lugar próximo a ele.*" [7]

O órgão de mídia antiKremlin *Meduza*, sediado na Letônia, comentou "*que as discussões com os burocratas russos de alto escalão revelaram que mesmo aqueles que inicialmente se opuseram à bandeira da guerra na Ucrânia tinham agora se mobilizado em torno dela. As sanções abrangentes impostas pelo Ocidente contra a Rússia tiveram o efeito de consolidar o sentimento anti-ocidental. Como um oficial lhe disse: "Essas pessoas [no Ocidente] não entendem com quem se meteram". Isto causa uma reação brusca mesmo entre aqueles que pensaram de maneira diferente e fizeram perguntas [às autoridades]. Agora eles não vão fazer perguntas por muito tempo. Eles vão odiar o Ocidente e se consolidar para viver suas vidas.*" [8]

A ideologia do grande chauvinismo russo não se limita aos apelos patrióticos para uma manifestação em "*defesa da pátria*" contra a OTAN. Os propagandistas putinistas também disseminam propaganda extremamente venenosa contra a Ucrânia como entidade, bem como contra o povo ucraniano. Com efeito, Putin e seus ideólogos negam a própria existência da nação ucraniana e seu direito de ter um Estado separado. Já comentamos em outro artigo sobre a negação explícita de Putin do direito de autodeterminação nacional do povo não-russo e sua denúncia selvagem da política bolchevique. [9] Durante a guerra, esta linha completamente anti-ucraniana foi radicalizada pelo regime em uma política que podemos caracterizar como *Grande Totalitarismo Russo*. Ela visa roubar partes do território da Ucrânia, a liquidação de um setor considerável da população, negando à Ucrânia o próprio nome de seu país, a "reeducação" forçada da população para "*desUcrânizar*" e "deseUropeizá-la", etc. Isto foi abertamente elaborado em um artigo amplamente divulgado publicado pela agência de notícias estatal russa RIA Novosti. [10]

Parece-nos que o regime de Putin tomou uma decisão estratégica consciente para romper a ordem mundial existente e para desafiar as potências ocidentais. Fyodor A. Lukyanov, um importante especialista político próximo ao Kremlin, declarou que "*a intervenção militar da Rússia na Ucrânia significou o fim de uma época nos assuntos de estado globais depois que o Presidente Vladimir Putin lançou a*

ação na semana passada. Seu impacto será sentido nos próximos anos, mas Moscou se posicionou para "tornar-se um agente de mudança fundamental para todo o mundo". A operação das Forças Armadas russas na Ucrânia marca o fim de uma era. Ela começou com a queda da União Soviética e sua dissolução em 1991, quando uma estrutura bipolar bastante estável foi derrubada pelo que acabou sendo conhecido como a "Ordem Mundial Liberal". Isto abriu o caminho para os EUA e seus aliados desempenharem um papel dominante na política internacional centrada em torno da ideologia universalista. (...) A liderança russa, que decidiu medidas extremamente drásticas, provavelmente compreendeu as consequências, ou até mesmo aspirou conscientemente a elas. A página da cooperação com o Ocidente foi virada. Isto não significa que o isolacionismo se tornará a norma, mas marca o fim de um importante capítulo histórico nas relações políticas. A nova Guerra Fria não terminará rapidamente. (...) Mesmo em um cenário favorável, passarão muitos anos até que as sanções sejam levantadas e os laços sejam gradual e seletivamente restaurados. A reestruturação das prioridades econômicas exigirá uma abordagem diferente, que estimulará o desenvolvimento de algumas maneiras, e o retardará em outras. A parte mais ativa da sociedade russa terá que perceber que seu antigo modo de vida se foi. A "Forte Rússia" decidiu colocar à prova sua força e, ao mesmo tempo, tornou-se um agente de mudança fundamental para o mundo inteiro." [11]

Ao mesmo tempo, existe um certo senso de realismo entre a elite da Rússia sobre as consequências da Guerra da Ucrânia. O diretor do influente Clube de Discussão Valdai, Andrey Sushentsov, escreve: "O uso da força pela Rússia na Ucrânia cria uma nova realidade de negociação. (...) Após um abalo tão grande, toda a poeira assentará, o que antes nos impedia de entender os contornos reais dos problemas de segurança europeus. Devemos admitir que o novo sistema de segurança na Europa será baseado na hostilidade mútua. Mas esta será uma variante de hostilidade que impede comportamentos provocadores. Tal comportamento só é possível em uma situação em que ninguém acredita que o outro lado irá atacá-lo. Após o início das hostilidades em 24 de fevereiro, não existe mais essa crença entre os países da OTAN. Por um lado, isto implicará um aumento das despesas militares dos Estados europeus e uma mudança na geografia do envio de forças e recursos da OTAN. Eles estarão mais próximos das fronteiras da Rússia. Mas, por outro lado, haverá um aumento da responsabilidade pelo uso dessas forças e meios. Qualquer incidente provocará uma crise que não corresponde aos interesses vitais dos Estados europeus. O resultado do sistema de controle e equilíbrio será uma "paz fria" - a melhor opção possível para hoje." [12]

Além disso, a guerra e as sanções ocidentais forçaram o regime de Putin a expandir enormemente seu mecanismo de regulamentação estatal-capitalista a fim de evitar um colapso da economia. Com relação a isto, o regime impôs medidas que controlam estritamente o fluxo de capital, resultando em uma política de "russificação" do mercado financeiro interno. *Tsargrad*, uma mídia de direita de propriedade do grande oligarca monarquista russo Konstantin Malofeev (que está intimamente ligado ao notório ex-líder paramilitar Igor Girkin/Strelkov), elogiou esta etapa como uma "reformatação completa" que "devolve o mercado acionário russo aos russos". Outro comentarista caracterizou o recente desenvolvimento desses eventos da Rússia, apontado como "capitalismo em um país".[13]

Podemos, portanto, concluir que houve uma clara mudança na natureza do regime bonapartista de Putin. Ele aumentou consideravelmente seu caráter autoritário e quase liquidou todos os elementos da democracia burguesa. Isto é combinado com uma enorme radicalização de seu grande chauvinismo e militarismo russo, bem como uma mudança em direção a uma regulamentação mais estatal-capitalista.

O que é relevante para o caráter e a longevidade da guerra na Ucrânia é o fato de que ambos os lados - a Rússia e a Ucrânia - têm objetivos de longo alcance para os quais poderiam mobilizar amplo apoio

popular em seus respectivos países. Um recuo representaria enormes perigos domésticos para qualquer um dos governos. Além disso, ambos os lados não esgotaram suas reservas e, muito provavelmente, não o farão em um futuro próximo. A Ucrânia é militarmente superada pela Rússia, mas i) tem um enorme apoio popular, ii) é um vasto país com grandes partes efetivamente a salvo da ocupação russa, onde pode reagrupar suas forças, e iii) recebe apoio material e militar dos Estados ocidentais.

A Rússia, por outro lado, sofreu um revés na região norte. Entretanto, como Grande Potência imperialista, possui um exército gigantesco e enormes recursos materiais e reservas militares. É muito improvável que o Kremlin assine um acordo de paz num futuro próximo, o qual não poderia vender ao público como uma vitória. Assim, embora ambos os lados tenham objetivos incompatíveis entre si, eles são suficientemente fortes - pelo menos por enquanto - para se recusarem a fazer concessões significativas.

Finalmente, observaremos que os riscos são obviamente muito altos para o regime de Putin. Se perder a guerra na Ucrânia, poderá abrir uma crise profunda na Rússia com a possibilidade de revoltas em massa ou um golpe de Estado!

Sobre a dramática aceleração da rivalidade inter-imperialista

Esta dinâmica da Guerra da Ucrânia corresponde à dinâmica global na rivalidade inter-imperialista entre as Grandes Potências. Houve uma enorme mudança tanto entre os líderes das potências ocidentais quanto entre os líderes da Rússia. Nos últimos anos, existiu uma espécie de Guerra Fria - pelo menos desde 2018, quando Trump lançou a Guerra Comercial Global contra a China. [14] Entretanto, este processo chegou agora a uma nova etapa. Ainda é uma Guerra Fria, mas agora está qualitativamente mais próxima de uma Guerra Quente.

Antes de 24 de fevereiro, não havia uma séria ameaça imediata de um confronto militar entre a OTAN e a Rússia. Agora, a situação é muito diferente. É verdade que os governantes dos dois campos não têm a intenção de iniciar uma guerra um contra o outro a curto prazo. Mas eles poderiam chegar a uma situação nos próximos meses na qual eles poderiam considerar um ataque militar contra seu rival imperialista como um mal menor em comparação a fazer uma retirada.

Basicamente, esta escalada qualitativa da rivalidade inter-imperialista é o resultado das mudanças fundamentais que ocorreram na relação de forças entre as Grandes Potências na última década. Enquanto a potência ocidental perdeu peso político, econômico e militar, seus rivais orientais - China e Rússia - aumentaram as suas. [15] A CCRI analisou estes desenvolvimentos com muitos detalhes, e remetemos o leitor aos respectivos trabalhos. [16]

Neste momento, é importante reconhecer as mudanças políticas ocorridas nos últimos dois meses. Como indicado acima, parece-nos que Putin e seu círculo interno chegaram à conclusão de que chegou o momento de dar um passo decisivo para expandir a esfera de influência da Rússia e para humilhar os EUA e a UE. Assim, Moscou invadiu a Ucrânia e ameaça a OTAN de não intervir diretamente. É notável que Moscou alertou o Ocidente sobre uma guerra nuclear várias vezes. O ex-presidente e sub-chefe do conselho de segurança da Rússia, Dmitry Medvedev, disse que "*há vários*

motivos pelos quais a Rússia tem o direito de usar armas nucleares, incluindo um ataque ao país ou uma invasão de infraestrutura como resultado da qual as forças de dissuasão nuclear da Rússia ficariam paralisadas.” [17]

Sergey Karaganov, um ex-conselheiro do Kremlin, expressou a mesma abordagem em uma entrevista ao periódico britânico *New Statesman*: *"Bem, a escalada neste contexto significa que diante de uma ameaça existencial - e isso significa uma não-vitória, a propósito, ou uma suposta derrota - a Rússia poderia escalar, e há dezenas de lugares no mundo onde ela teria um confronto direto com os Estados Unidos.*

Pergunta: Portanto, sua sugestão é que, por um lado, poderíamos ter uma escalada em direção ao possível uso de armas nucleares - se houver um perigo existencial para a Rússia - e, por outro, uma escalada em direção ao conflito em outras áreas além da Ucrânia. Estou seguindo vocês corretamente?

Resposta: Eu não descartaria isso. Estamos vivendo em uma situação estratégica absolutamente nova. A lógica normal dita o que você disse.” [18]

Uma mudança notável semelhante, em nossa opinião, está ocorrendo dentro da classe dominante dos Estados Unidos e, mais ainda, na UE. Enquanto Trump começou - e Biden continuou - a travar uma Guerra Fria contra a China, inclusive no nível econômico, existiam divisões profundas dentro da classe dominante dos EUA e, mais ainda, dentro da UE, sobre a abordagem em relação às potências orientais. Por exemplo, o Pentágono e outros círculos influentes em Washington identificaram a China como o principal inimigo e defenderam a preparação para um confronto com ela dentro dos próximos anos. [19] Portanto, eles não tinham um foco semelhante na Rússia. Havia círculos influentes em Washington que sugeriam uma política externa com o objetivo de separar Putin de Pequim a fim de isolar este último.

O mesmo é válido para as potências imperialistas europeias. Há apenas alguns meses, a construção do *Nord Stream 2* - um importante gasoduto da Rússia para a Alemanha - foi concluída. Isto refletiu os interesses de setores significativos da burguesia europeia em manter pelo menos uma relação centrada nos negócios com Moscou. Da mesma forma, os governos da União Europeia têm se esforçado durante anos para aumentar seus gastos militares ou para criar um exército relevante da União Europeia.

Uma enorme mudança na política externa do imperialismo dos EUA

Tudo isso está mudando drasticamente agora. Os EUA e a UE iniciaram uma onda crescente de sanções financeiras e econômicas contra a Rússia. Eles tentam sistematicamente prejudicar a economia de seu rival oriental e esperam aproximar o país de um colapso - ou, como disse um funcionário americano, devolver ao povo russo o nível de vida *"soviético"*. Assim, a observação do presidente americano Biden sobre Putin (*"Pelo amor de Deus, este homem não pode permanecer no poder"*) não foi de forma alguma acidental.

A mudança dentro da classe dominante americana se reflete na consolidação dos grandes líderes empresariais em torno de uma política externa anti-russa agressiva. Uma recente *"carta aos investidores"* do chefe executivo do JP Morgan, Jamie Dimon, é um indicador significativo para isso. Apesar de advertir que o banco americano poderia perder até US\$ 1 bilhão de sua exposição à Rússia,

ele exortou a administração de Joe Biden a tomar uma posição mais forte contra as "novas e graves realidades geopolíticas" emergentes após a invasão russa da Ucrânia, que colocou na agenda uma "reestruturação potencial da ordem global". O chefe do JP Morgan pede uma mudança para uma estratégia geopolítica agressiva dos Estados Unidos contra seu rival imperialista no Leste. "*Devemos enfrentar o desafio da Rússia com soluções ousadas*". Tais "*soluções ousadas*" incluem o envio de mais tropas nas fronteiras dos países da OTAN, a aceleração das sanções, um Plano Marshall para "*nossos aliados europeus, que são altamente dependentes da energia russa*", etc.

É claro que este importante representante do capital monopolista americano considera tal movimento como parte de uma estratégia política de longo prazo que visa fortalecer um bloco imperialista liderado pelos Estados Unidos e derrotar seus rivais no Oriente. "*Como estamos vendo - e sabemos por experiência passada - o fornecimento de petróleo e gás pode ser facilmente interrompido, seja fisicamente ou por sanções adicionais, impactando significativamente os preços da energia. A segurança nacional exige segurança energética para nós mesmos e para nossos aliados no exterior. (...) A América deve estar preparada para a possibilidade de uma guerra prolongada na Ucrânia com resultados imprevisíveis. Devemos nos preparar para o pior e esperar pelo melhor. Devemos encarar isto como uma chamada pelo despertar. (...) Precisamos fazer disto uma defesa permanente e duradoura dos ideais democráticos e contra todas as formas de maldade. (...) Junto com a imprevisibilidade da própria guerra e a incerteza em torno das cadeias globais de fornecimento de mercadorias, isto cria uma situação potencialmente explosiva.*" [20]

Estas notáveis palavras de um líder capitalista monopolista que tenta abordar a situação geopolítica atual não apenas do ponto de vista de um líder empresarial individual, mas também de um "*Capitalista Total Ideal*" no sentido em que Friedrich Engels falou sobre isso.

Isto vai de mãos dadas com um crescente reconhecimento de que os EUA têm que combater ambas as potências orientais - China e Rússia - ao mesmo tempo e, para isso, devem assegurar a formação de uma aliança duradoura com a Europa Ocidental e o Japão. Hal Brands, um estudioso americano de política externa dos EUA (ele é professor da Universidade Johns Hopkins e é filiado ao conservador Instituto Americano de Empresas), formulou esta abordagem em uma entrevista publicada recentemente.

"*Penso que durante muito tempo, os americanos pensaram na Rússia e na China como dois desafios distintos, e de muitas maneiras eles são. Mas uma das coisas que vimos antes e durante esta crise é que eles agem cada vez mais juntos, ou pelo menos em paralelo, de maneiras importantes*". (...) o problema que enfrentamos hoje é um problema no qual nossos dois maiores rivais autocráticos trabalham cada vez mais juntos. (...) Penso que o que a guerra indica, porém, é que a melhor maneira de pressionar a China, que é a mais perigosa e a mais poderosa das duas rivais, é realmente garantir que a Rússia seja derrotada, que não atinja seus objetivos nesta guerra, porque isso resultará numa Rússia mais fraca, menos capaz de pressionar os Estados Unidos e seus aliados na Europa e, portanto, menos útil como parceiro estratégico para Pequim. (...) Os Estados Unidos simplesmente não podem evitar a realidade de que têm que conter simultaneamente a Rússia e a China. E se os Estados Unidos tentassem comprar um deles ou ambos, simplesmente enfraqueceriam sua própria posição. Isso é uma ordem alta, mas não é impossível. Se você somar os Estados Unidos e seus aliados na Europa e seus aliados no Indo-Pacífico, eles superam dramaticamente a Rússia e a China juntos quando se trata de poder militar, poder econômico, poder diplomático - você dá um nome a isso. E penso que há também uma perspectiva de que exercer pressão sobre a Rússia pode, a longo prazo, levar a um desgaste do relacionamento com a China. À medida que a Rússia se tornar mais dependente da China como resultado desta guerra, ela se tornará cada vez menos confortável com

essa dependência. E assim isto não fará uma grande diferença num período de dois a três anos, mas num período de 10 anos, talvez.” [21]

Tal mudança em direção a uma política externa mais agressiva vai de mãos dadas com o surgimento de uma campanha pública contra todas aquelas figuras públicas que não são falcões anti-russos. Um especialista em política externa do instituto conservador (!) Cato chamou esta campanha de "*novo McCarthyismo*". [22]

Como resultado desta mudança, os imperialistas ocidentais impuseram uma série de sanções contra a Rússia (no momento, o número total de sanções contra a Rússia é de 5.515). [23] Sete bancos russos foram cortados do sistema SWIFT - uma parte crucial da infra-estrutura financeira global - até o momento. Os estados ocidentais congelaram os ativos de reserva do Banco Central da Rússia (BCR), juntamente com seu fundo soberano de riqueza. Especialistas estimam que a Rússia perdeu o acesso a cerca de 40 a 60% das reservas internacionais do BCR, avaliadas em US\$640 bilhões. Além disso, os EUA proibiram a comercialização das reservas de ouro do BCR, estimadas em \$136 bilhões de dólares. Além disso, mais de 500 empresas multinacionais ocidentais anunciaram que estão suspendendo as operações ou deixando completamente o mercado russo.

Além disso, os EUA pararam as importações de petróleo e gás russo. A UE também se moveu para reduzir drasticamente sua dependência da energia russa, embora os governos da Europa Ocidental não tenham o mesmo zelo em travar uma guerra econômica e financeira contra a Rússia que Washington. A razão é simplesmente que a UE é muito mais importante nas importações de energia da Rússia do que os EUA. A Europa depende quase totalmente da importação de petróleo e gás natural, e uma grande parte disto vem da Rússia (25% de seu petróleo e 40% de seu gás natural). Um boicote total à exportação da Rússia representaria uma ameaça catastrófica para a economia, bem como para as famílias da Europa imperialista, razão pela qual seus líderes empresariais advertem fortemente contra tal medida.

A guerra política e econômica dos imperialistas ocidentais contra seu rival no Oriente também ocorre na arena diplomática. Nas últimas semanas, a Europa expulsou cerca de 300 diplomatas russos. Moscou tomou medidas recíprocas. [24]

Enquanto o imperialismo norte-americano é a força motriz na ofensiva política e econômica contra seu rival russo, a União Europeia sofre de várias contradições internas. Tanto o fator econômico (ou seja, a dependência do abastecimento energético russo) quanto a proximidade geográfica tornam um confronto direto com Putin muito mais arriscado para o imperialismo da UE. Além disso, não se deve esquecer que as relações entre EUA e UE foram feridas sob o governo protecionista Trump e só reacenderam recentemente. Mesmo na atual invasão da Ucrânia pela Rússia, foram os Estados Unidos que pressionaram a União Europeia a iniciar uma política mais agressiva de ameaças e sanções.

Nesses tempos e dias, nada é estável. As estreitas relações entre os imperialistas orientais - Rússia e China - assim como as relações entre os imperialistas ocidentais, EUA e UE, poderiam mudar novamente. Um compromisso negociado entre a Rússia e a UE, por exemplo, poderia enfurecer a administração Biden enquanto uma escalada do conflito entre a China e os EUA poderia afastar a UE de seu aliado americano.

Desafios do imperialismo da UE

A perspectiva geral da União Europeia está em curso. A enorme escalada da rivalidade inter-imperialista levou os governos da UE a aumentar drasticamente o orçamento militar. O chanceler alemão Olaf Scholz prometeu aumentar os gastos acima de 2% da produção econômica do país. ("*Precisamos de aviões que voem, navios que naveguem e soldados que estejam equipados de forma ideal*") Um relatório parlamentar francês publicado em fevereiro, uma semana antes da invasão, concluiu que no caso de uma guerra convencional em larga escala, como a da Ucrânia, seriam necessários entre US\$ 44 bilhões e US\$ 66 bilhões adicionais em 12 anos para reforçar a máquina militar francesa. O Presidente Emmanuel Macron prometeu um forte aumento nos gastos militares - que já são de 45 bilhões de dólares, mais de 10% do orçamento total do governo - se ele vencer as próximas eleições presidenciais. A Bélgica, Itália, Polônia, Letônia, Lituânia, Noruega e Suécia também anunciaram aumentos em seus orçamentos de defesa. [25]

Esta mudança em direção ao militarismo e à política externa chauvinista é combinada com dois importantes desenvolvimentos na UE. Primeiro, tal política vai necessariamente de mãos dadas com a expansão do aparato estatal bonapartista. Este desenvolvimento não é uma surpresa para os marxistas. Temos apontado nos últimos anos - em particular desde o início da Contra-revolução da COVID na primavera de 2020, em que a classe dominante explorou a pandemia como pretexto para uma política autoritária - que tal mudança em direção ao *Bonapartismo de Estado chauvinista* está ocorrendo. [26] A politização do esporte e da cultura através da expulsão de participantes russos em eventos internacionais, o cancelamento de eventos musicais exibindo compositores clássicos russos como Tchaikovsky, a proibição legal de mostrar o símbolo "Z", ... tudo isso são exemplos de uma política destinada a limitar os direitos democráticos.

O segundo desenvolvimento importante tem sido a capacidade dos Estados Unidos de empurrar as potências europeias para um confronto contra a Rússia. Até recentemente, Paris e Berlim tentaram resistir a tais pressões (ver, por exemplo, a insistência da Alemanha em manter o projeto North Stream 2). Agora, Washington forçou com sucesso essas potências a tomar um partido e a aderir às sanções anti-russas e à política da Guerra Fria. Naturalmente, isto só foi possível porque Putin conscientizou os líderes da UE de quão vulnerável ela é.

Em resumo, a Guerra da Ucrânia provocou uma mudança geopolítica das potências europeias em direção a Washington, sendo os Estados Unidos o líder indiscutível do campo ocidental por enquanto.

Neste lugar, vamos notar brevemente que os problemas atuais do imperialismo europeu estão relacionados com suas fraquezas políticas e econômicas fundamentais. Além de sua falta de unidade política, seu peso na economia global sofreu um declínio de 1/3 a longo prazo no último quarto de século. Enquanto a participação da UE na produção global foi de 24% em 1999, esta participação caiu para 18% em 2020. O declínio do Japão foi ainda mais dramático, enquanto a participação da economia dos EUA diminuiu "apenas" de 29% para 25%. (Ao mesmo tempo, a economia da China e sua participação global aumentaram enormemente). [27]

Por último, mas não menos importante, embora não pareça provável no momento em que a UE está marchando para frente em sua tentativa de se tornar uma força imperialista mais agressiva e unida, não se pode excluir a possibilidade de que a União Europeia também possa desmoronar sob a pressão

consistente dos eventos. Desde o tratado de Maastricht em 1993, a UE tentou e ainda não conseguiu se transformar em um bloco imperialista unido e coerente e não há garantias de que jamais alcançará este objetivo. Naturalmente, os trabalhadores e os oprimidos não têm nenhum interesse em apoiar a UE neste projeto!

Rachaduras na economia mundial capitalista

É evidente que ambos os campos - a classe dominante dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, bem como da Rússia - aumentaram sua participação muitas vezes. O regime Putin vinculou seu destino à expansão do Grande Império Russo, como primeiro passo, subjugando a Ucrânia (ou pelo menos uma parte substancial do mesmo). Zelensky ou deve conseguir parar esta ofensiva ou procurar um exílio seguro. E se Washington e Bruxelas não conseguirem humilhar seu rival oriental, isso poderá abrir uma crise política em seus países.

Em qualquer caso, a Guerra da Ucrânia e a Guerra das Sanções já aprofundaram a crise da economia mundial capitalista, pois resultou em um aumento dramático dos preços da energia e dos alimentos. [28] Bill Dudley, o ex-presidente do Banco da Reserva Federal de Nova York, advertiu que uma recessão era agora "*virtualmente inevitável*". [29]

A *Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura* (FAO) disse que seu Índice de Preços de Alimentos, que acompanha as mudanças mensais nos preços internacionais de uma cesta de commodities, atingiu uma média de 159,3 pontos no mês passado, 12,6% a mais que em fevereiro. Como está, o índice de fevereiro foi o nível mais alto desde sua criação em 1990. [30] Os preços globais do trigo aumentaram 21%, da cevada 33% e de alguns fertilizantes 40%. Da mesma forma, o petróleo e o gás estão disparando - os preços da energia na Europa estão quase 45% mais altos em março, em comparação com um ano antes. Isto elevou a inflação na Europa a níveis não vistos em quatro décadas, com os preços nos 19 países que usam o euro subindo 7,5%. [31]

No entanto, são os países do Sul Global que serão mais afetados pelas consequências desta crise. A FAO informa que a crise alimentar é mais aguda na África, onde pelo menos 14 países importam metade ou mais de seu trigo da Rússia e da Ucrânia. E o Comitê Internacional da Cruz Vermelha adverte que cerca de 346 milhões de pessoas na África estão sofrendo de fome "alarmante". [32]

É provável que as sanções ocidentais estejam provocando uma recessão na Rússia, com especialistas prevendo um possível declínio acentuado de sua economia. De acordo com a última previsão do Banco Mundial, a economia da Rússia se contrairá em 11,2% em 2022 e a da Ucrânia em 45%. [33]

A resiliência da Rússia contra as sanções ocidentais

Entretanto, a Rússia é uma Grande Potência imperialista e, portanto, tem várias maneiras de resistir à pressão de seus rivais ocidentais. Para surpresa dos comentaristas ocidentais, o rublo russo - após uma queda dramática de mais de 70% nas primeiras semanas após o início da invasão [34] - recuperou seu

nível anterior à guerra. Da mesma forma, a bolsa de valores de Moscou se estabilizou. Além disso, a inflação está aumentando, mas não dramaticamente. *The Economist* - uma publicação líder da burguesia monopolista ocidental e certamente acima de qualquer suspeita de simpatia pelo regime de Putin - relata: "E embora seja cedo, ainda há poucas evidências de um grande golpe na atividade econômica. De acordo com uma estimativa usando dados de pesquisa na Internet produzidos pela OCDE, um grupo de reflexão de países ricos, o PIB da Rússia na semana até 26 de março foi cerca de 5% maior do que no ano anterior. Outros dados "em tempo real" coletados pela *The Economist*, como o consumo de eletricidade e as cargas ferroviárias de mercadorias, estão se atrasando. Um rastreador de gastos produzido pelo Sberbank, o maior credor da Rússia, está ligeiramente acima ano após ano. Parte disto reflete as pessoas estocando mercadorias antes do aumento dos preços: os gastos com eletrodomésticos são especialmente fortes. Mas os gastos com serviços caíram apenas um pouco e continuam muito mais saudáveis do que durante grande parte da pandemia." [35]

Mesmo que se espere que a economia da Rússia encolha este ano, suas receitas provenientes das exportações de energia estão na verdade aumentando. O Ministério das Finanças russo disse em 5 de abril que Moscou espera ganhar US\$ 9,6 bilhões em receitas adicionais com as vendas de energia somente em abril, graças aos altos preços do petróleo, que permanecem em torno de US\$ 100 por barril. [36]

Além disso, como potência imperialista, a Rússia parece também ser capaz de pressionar os compradores ocidentais de suas exportações a pagar em Rublos. Também tem acordado desde algum tempo com vários países, e continua em processo de acordos, um mecanismo de transação financeira que lhe permite evitar o dólar norte-americano. [37] Naturalmente, a China desempenha um papel crucial, uma vez que é tanto a maior ou a segunda maior economia do mundo (dependendo do método de cálculo) quanto a mais importante aliada estratégica de Moscou. A China é o país que mais importa da Rússia, e o que mais exporta para a Rússia.

A Rússia parece ser capaz de compensar - pelo menos parcialmente - os efeitos das sanções ocidentais, expandindo seu comércio com a China e outros estados. Segundo dados oficiais de Pequim, o comércio global da China com a Rússia aumentou 12,76% em março para US\$ 11,67 bilhões e saltou 30,45% no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano passado. [38]

É também um acontecimento importante que a Índia, que tem sido um importante aliado do imperialismo americano na última década (por exemplo, como participante do chamado "Quad" com os EUA, Japão e Austrália), não apenas ignora as sanções ocidentais contra a Rússia, mas também aumentou enormemente sua compra de petróleo bruto russo. Desde que a invasão russa da Ucrânia começou em 24 de fevereiro, a Índia comprou 13 milhões de barris de petróleo da Rússia, em comparação com pouco menos de 16 milhões para todo o ano de 2021. [39]

Quem pisca primeiro?

Neste contexto, é importante reconhecer que somente o mundo ocidental (EUA, Canadá, Europa Ocidental, Japão, Coréia do Sul e Austrália) impôs sanções contra a Rússia. O resto do mundo não o fez - apesar da intensa pressão dos imperialistas ocidentais. Até mesmo alguns comentaristas da grande mídia da burguesia monopolista ocidental estão observando isso. Pankaj Mishra, da Bloomberg, escreveu que "um grande grupo de nações parece estar pronto para sair da nova Guerra Fria entre

um Ocidente apressadamente reunido e a Rússia". Ele concluiu: "As seguintes tendências só se intensificam: não-alinhamento oportunista, desdemocratização, desdolarização do sistema financeiro internacional e desamericanização do globo". E Ed Luce comentou no Financial Times: "A maior parte do mundo está à espreita para ver para que lado [o conflito] vai. (...) Não é a primeira vez que o Ocidente está confundindo sua própria unidade com um consenso global. ... Grande parte do mundo se ressentido das sanções ocidentais." [40]

Estes eventos refletem o fim da hegemonia global pelas potências ocidentais - algo que a CCRI tem enfatizado repetidamente em seus trabalhos sobre o imperialismo na última década.

Em resumo, parece que ambos os campos estão determinados a dar um golpe estratégico contra seu rival. Ambos são fortes o suficiente para dar golpes e fazer enormes golpes contra seu oponente. No entanto, a capacidade de dar golpes não é ilimitada. Se a Europa impõe um boicote total contra o petróleo e o gás russos e a China, a Índia e outros estados não apoiam Moscou, tal fato poderia provocar uma grande crise econômica e política para o regime de Putin. Ao mesmo tempo, é muito provável que tal boicote total da UE provoque uma enorme crise econômica em seus próprios países, com consequências sociais devastadoras para as massas populares.

No final, a questão decisiva não é apenas: qual lado pode dar um golpe mais forte contra o rival. É ainda mais importante, qual lado é politicamente mais forte em levar golpes. O regime de Putin parece ter conseguido até agora ganhar grandes setores da população por sua narrativa chauvinista de travar uma batalha defensiva contra a OTAN. Se conseguir manter esta hegemonia ideológica em casa através de sua mídia e aparato estatal controlados pelo Estado, poderá sustentar uma ofensiva econômica total contra as potências ocidentais.

Por outro lado, é questionável se a União Europeia poderia sobreviver politicamente a uma enorme crise econômica e social provocada por sua política de sanções contra a Rússia - mesmo que tal recessão fosse muito menos severa do que a da Rússia. O ministro alemão da economia, Robert Habeck, disse recentemente que seu país não seria capaz de se manter sem o gás russo até pelo menos 2024. Se um embargo ao gás russo entrasse em vigor agora, o PIB da Alemanha poderia diminuir até 5%, de acordo com Habeck. [41]

Outro especialista em economia descreveu as consequências de um boicote ao gás russo da seguinte forma. *"É possível mudar e cortar o uso do gás russo, mas é uma mentalidade de guerra. Será como Bloqueio de Berlim (de 24 de junho de 1948 a 12 de maio de 1949) novamente."* [42]

Neste contexto, é crucial ter em mente que os governos da UE só conseguiram conquistar parcialmente sua população por sua vez em direção ao militarismo e ao chauvinismo anti-russo. Naturalmente, as massas simpatizam com o sofrimento do povo ucraniano. Mas isto não significa que elas apoiem uma política externa agressiva. A vitória eleitoral de Orban na Hungria e os fortes resultados eleitorais para os candidatos anti-europeus no primeiro turno das eleições presidenciais francesas mostram tal falta de hegemonia por parte da elite política da UE.

Uma pesquisa recente entre os jovens e adultos jovens da Alemanha (14-29 anos) mostra que a maioria teme uma guerra que poderia afetar seu país. Apesar da quase unanimidade do establishment político em apoiar um aumento substancial do orçamento militar, uma minoria considerável se opõe a isso. (43% são a favor e 22% contra). Apenas 18% apoiam a introdução do alistamento militar (com 50% contra). [43] Em resumo, a juventude alemã certamente não está pronta para uma guerra imperialista!

Entretanto, mesmo que os governos das Grandes Potências não pretendam iniciar um confronto militar direto até agora, existe o perigo realista de que a atual guerra diplomática e econômica possa facilmente se transformar em um confronto militar. Em outras palavras, pode abrir um conflito devastador de potências nucleares, ou seja, a Terceira Guerra Mundial. A OTAN poderia decidir em algum momento que deveria intervir diretamente na Ucrânia com suas forças armadas. Em tal situação, um confronto direto com a Rússia é quase inevitável.

Na verdade, há um número crescente de especialistas em política no Ocidente que defendem uma intervenção militar direta da OTAN na Guerra da Ucrânia. [44]

Entretanto, tal confronto já poderia ter ocorrido antes. O embaixador de Moscou em Washington, Anatoly Antonov, advertiu o Ocidente sobre o envio de armas para a Ucrânia em uma recente entrevista com a Newsweek. *"Advertimos que tais ações são perigosas e provocativas, pois são dirigidas contra nosso Estado. Elas podem levar os EUA e a Federação Russa ao caminho do confronto militar direto". Qualquer fornecimento de armas e equipamentos militares do Ocidente, realizado por comboios de transporte através do território da Ucrânia, é um alvo militar legítimo para nossas Forças Armadas.*" [45]

Por todas estas razões, é nossa avaliação que os Estados Unidos, as potências europeias e a Rússia estão caminhando para uma grande colisão. Todos se arriscam muito. Todos os participantes calculam que o rival vai piscar primeiro. Veremos uma grande crise política em um ou mais destes Estados imperialistas. E talvez nenhum deles piscará primeiro ... e vemos o ato de abertura da Terceira Guerra Mundial. Sem dúvida, estamos vivendo em meio a um momento decisivo da história moderna!

Neste contexto, repetimos que uma intervenção militar direta da OTAN na Guerra da Ucrânia muito provavelmente mudaria seu caráter. Em nosso Manifesto de Guerra escrevemos: *"Este caráter combinado e contraditório da guerra na Ucrânia e as tensões globais entre as Grandes Potências podem provocar uma mudança na natureza da guerra". Pode transformar seu caráter de uma guerra justa de defesa nacional em uma guerra inter-imperialista por procuração. Se tal transformação ocorresse, os revolucionários seriam obrigados a mudar suas táticas e a defender a derrota do imperialismo russo, bem como do representante imperialista pró-ocidental em Kyev. Mas esta é apenas uma possibilidade no futuro e os revolucionários baseiam sua estratégia nos fatos de hoje e não em especulações sobre o amanhã.*" [46]

A ameaça à ordem financeira global dominada pelo dólar americano

Os Estados Unidos estão determinados a intensificar a ofensiva política e econômica contra a Rússia - ainda mais por estar muito menos dependente das exportações de Moscou. Entretanto, seria totalmente errado acreditar que a atual escalada do inter-imperialismo é sem grandes riscos para o imperialismo dos EUA. Sim, por um lado, Washington poderia fortalecer sua posição em relação às potências europeias. Mas, por outro lado, sua política agressiva de sanções sem precedentes põe em perigo sua hegemonia de longa data no setor financeiro e monetário.

O armamento da moeda americana e a expropriação massiva - pode-se dizer expropriação - de ativos estrangeiros russos por seus rivais ocidentais pressiona não apenas Moscou a buscar operações econômicas e financeiras globais fora das instituições dominadas pelo Ocidente. É também um sinal de alerta para outros estados de que Washington poderia confiscar seus ativos no momento em que

seus interesses colidissem com os dos EUA. Mais recentemente, a Arábia Saudita concordou com Pequim em utilizar parcialmente o renminbi (yuan) chinês em seu comércio de petróleo. É inevitável que esta tendência se acelere agora. Além disso, pode-se esperar que alguns dos estados que possuem grandes ativos financeiros nos EUA (por exemplo, China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos) procurem reduzi-los e colocá-los fora do alcance de Washington.

Zoltan Pozsar, ex-responsável da Reserva Federal e do Departamento do Tesouro dos EUA, e agora Chefe Global de Estratégia de Taxas de Juros de Curto Prazo do *Credit Suisse* baseado em Nova Iorque, acredita que estamos testemunhando o fim da atual ordem monetária mundial. O principal especialista financeiro escreveu que *"esta crise não é como nada que tenhamos visto desde que o Presidente Nixon tirou o dólar americano do ouro em 1971 (...) Quando esta crise terminar, o dólar americano deverá estar muito mais fraco"*. Ele acrescentou: *"Estamos testemunhando o nascimento de Bretton Woods III - uma nova ordem mundial (monetária) centrada em torno de moedas baseadas em mercadorias no Oriente que provavelmente enfraquecerá o sistema Eurodólar e também contribuirá para as forças inflacionárias no Ocidente."* [47]

Em outras palavras, a agressiva política de sanções anti-russa de Washington poderia provocar o fim da era da hegemonia dólar-americana.

Início de uma nova onda global de insurreições em massa

A atual crise política mundial tem grandes implicações para a luta de classes global. Primeiro, porque o povo ucraniano está travando uma heroica luta de resistência contra uma grande potência imperialista. Se forem bem-sucedidos, podem ser um exemplo inspirador para muitos outros povos oprimidos.

Segundo, como mencionado acima, a Segunda Queda no período da Grande Depressão envia os preços da energia e dos alimentos para as alturas. Isto provoca uma enorme crise social em todo o mundo - mais importante ainda nos países semicoloniais do Sul Global. Já vimos protestos em massa no Sri Lanka [48], no Peru [49] e em outros países. Os regimes tentam reprimir estes protestos declarando estado de emergência. No entanto, como dissemos em nossa declaração sobre o Sri Lanka: *"Dada a profunda crise política e econômica da ordem capitalista mundial, estamos convencidos de que os desenvolvimentos explosivos no Sri Lanka são um prenúncio de convulsões revolucionárias em outros países."*

Todos estes desenvolvimentos confirmam a análise da CCRI sobre a situação mundial que delineamos em um documento há meio ano. Estamos vivendo uma *fase pré-revolucionária* cheia de explosões - guerras, revoluções e contra-revoluções. [50]

A crise da liderança revolucionária e a luta contra o social-imperialismo, o social-pacifismo e o economismo imperialista

O tornado político global da situação mundial atual demonstra dolorosamente, mais uma vez, a profunda crise da liderança revolucionária. Independentemente de suas proclamações abstratas de socialismo, anti-imperialismo e internacionalismo, a grande maioria dos autoproclamados partidos de esquerda se mostrou completamente incapaz de se juntar ao lado correto da barricada da luta de classes. E, em vários casos, tais partidos estão até mesmo apoiando a contra-revolução imperialista. Em suma, vemos, mais uma vez, que a maioria da autoproclamada vanguarda socialista não representa de forma alguma uma vanguarda - nem praticamente na luta de classes internacional não ideologicamente em termos de delinear um programa revolucionário.

Estas forças que adotam uma abordagem fundamentalmente correta ao combinar a defesa da Ucrânia contra o imperialismo russo com um programa derrotista consistente na rivalidade inter-imperialista são uma clara minoria entre as forças socialistas autoproclamadas (e às vezes vemos uma falta de clareza teórica e abertura a desvios oportunistas mesmo entre esses camaradas). [51]

Sob tais condições, é urgente que os socialistas autênticos unam forças e lutem por uma orientação internacionalista e anti-imperialista consistente, a fim de construir uma liderança revolucionária para as massas. [52]

Nos últimos três meses, a CCRI elaborou com muito detalhe uma crítica revolucionária ao fracasso político da esquerda reformista e centrista. Neste lugar, não vamos repetir isto em muitos detalhes e remeter os leitores aos nossos respectivos documentos. [53] Limitar-nos-emos antes a uma caracterização geral da natureza política destes fracassos.

Basicamente, podemos identificar três tendências de política reacionária na atual situação mundial. Estas três tendências não se excluem necessariamente uma da outra. O apoio ao imperialismo russo ou da UE é frequentemente combinado com frases pacifistas. Pode-se também encontrar apelos vazios "contra a guerra" e "pela paz" entre aqueles que defendem a política do economismo imperialista, negando a natureza progressista da luta de resistência da Ucrânia contra a invasão russa. "A violência não é solução!" - este clássico grito de batalha da classe média decadente nas metrópoles imperialistas, resumindo sua filosofia liberal orientada para uma vida confortável e uma carreira sem muitos conflitos (exceto no Twitter e Facebook), está profundamente enraizado entre a esquerda reformista!

1) A primeira tendência pode ser caracterizada como *social-imperialismo* - isto significa apoio direto ou indireto a uma potência imperialista. Aqui podemos distinguir entre os pró-russos e os pró-imperialistas sociais-imperialistas da UE. Os formadores são principalmente o Partido Comunista da Federação Russa-KPRF e seus aliados internacionais, numerosos partidos bolivarianos e pan-africanistas, uma série de pseudo-imperialistas-trotskistas, etc. As forças mais importantes entre estes últimos são os partidos da *ex-Esquerda Européia*, que defendem uma política externa independente do imperialismo da UE ou até mesmo participam de seu governo como na Espanha. (por exemplo, LINKE na Alemanha, PCF na França, SYRIZA na Grécia, IU e PCE na Espanha)

2) A segunda tendência pode ser caracterizada como *social-pacifismo* - uma política que se concentra no impotente exigir "paz" sem combinar a luta contra a guerra com a luta contra sua base material - o capitalismo. Além disso, quase todos os pacifistas - abertamente ou escondidos - negam a natureza progressista da resistência do povo ucraniano contra a invasão russa. Ao se opor à violência em geral, o fracasso em diferenciar entre *guerras progressistas* de povos oprimidos que merecem o apoio dos socialistas e *guerras reacionárias* que os socialistas não podem apoiar. Esta política pequeno-burguesa é defendida por todos os tipos de pacifistas pequeno-burgueses, estalinistas, reformistas, etc.

3) Chamamos a terceira tendência de *economia imperialista* - uma política que nega o caráter legítimo da luta do povo ucraniano contra a subjugação nacional por uma potência imperialista. Os defensores desta política consideram esta guerra justa como um detalhe insignificante e a subordinam à rivalidade entre as Grandes Potências. Entre os partidos que defendem tal política estão vários partidos estalinistas próximos à KKE grega, bem como numerosos centristas trotskistas como a CWI, ISA, TMI, IST, PTS/FT etc.

Os revolucionários devem se opor fortemente a tais posições revisionistas que refletem objetivamente a perspectiva da vacilante pequena burguesia progressista - um estrato social que carece de orientação e perspectiva em um mundo de decadência capitalista e de acentuadas contradições de classe, e que busca apoio em uma ou outra potência imperialista. A tarefa urgente é fazer recuar a influência de tais forças oportunistas dentro dos trabalhadores e das organizações populares de massa. Os revolucionários têm que explicar a real natureza do atual conflito e tentar conquistar os ativistas de tais partidos para um programa internacionalista e anti-imperialista consistente.

Conclusões

Concluiremos este documento resumindo os resultados de nossa análise em forma de algumas teses.

1. A Guerra da Ucrânia e a escalada da guerra diplomática e econômica entre a OTAN e a Rússia representam um momento decisivo na política mundial e abriram uma nova fase. Suas causas fundamentais são a profunda crise da economia mundial capitalista e o regime político da classe dominante - fatores que estimulam o chauvinismo, o militarismo e a rivalidade entre as grandes potências. Estamos em meio a um tornado político global e sem uma análise clara desses eventos, os socialistas serão incapazes de encontrar uma orientação correta e de lutar por uma estratégia revolucionária.

2. Por estas razões, estes conflitos não são eventos extraordinários temporários, mas sim desenvolvimentos duradouros que deixarão sua marca na política mundial no próximo período. Isto não significa que haverá necessariamente uma guerra permanente na Ucrânia nos próximos anos. Mas mesmo que as atividades militares sejam interrompidas por cessar-fogo, uma paz estável e duradoura na região eurasiática é altamente improvável. Podemos esperar antes crises, explosões e guerras renovadas na Ucrânia e/ou em outros países vizinhos da Rússia. Isto é i) por causa do desejo do imperialismo russo de expandir e consolidar sua esfera de influência, ii) por causa da resistência popular contra tal política de colonialismo, bem como iii) por causa de tentativas do imperialismo ocidental de empurrar seu rival de volta.

3. A CCRI - incluindo seus camaradas na Rússia e na Ucrânia - tem enfatizado desde o início da guerra que o conflito tem um *caráter duplo*. A Guerra da Ucrânia é uma agressão imperialista da Rússia contra a Ucrânia, um país semicolonial. Portanto, a guerra de defesa do povo ucraniano é uma luta justa que merece o apoio total dos socialistas em todo o mundo. É por isso que a CCRI está engajada no trabalho prático de solidariedade com a resistência popular ucraniana desde o início da guerra (manifestações de rua, o "Sunflower Convoy" (o Comboio Girassol) para a Ucrânia com ajuda prática, etc.). (manifestações de rua, "Sunflower Convoy" para a Ucrânia com ajuda prática, etc., propaganda revolucionária clandestina na Rússia e na Ucrânia). Ao mesmo tempo, há uma escalada do conflito

entre dois campos imperialistas - a OTAN e a Rússia. Neste conflito, os socialistas não devem apoiar nenhum dos lados. Estes dois conflitos estão relacionados um com o outro, mas não são idênticos. Por isso, a CCRI defende a política de *defesa revolucionária* na Guerra da Ucrânia, mas o *derrotismo revolucionário* no conflito da Grande Potência. Equivaler um conflito com o outro só pode resultar em grande confusão e desorientação política.

4. O caráter da Guerra da Ucrânia pode mudar? Sim, isto é possível. Muito provavelmente, este seria o caso se a OTAN interviesse diretamente na guerra (por exemplo, através do envio de tropas). Nesse caso, as forças armadas ucranianas seriam colocadas sob o comando da OTAN e sua luta se tornaria uma guerra por procuração do imperialismo ocidental. Nesse caso, os socialistas não poderiam mais apoiar a guerra de defesa ucraniana e teriam que assumir a mesma posição que assumem no conflito inter-imperialista entre a OTAN e a Rússia: o derrotismo revolucionário contra ambos os campos. Entretanto, este é um cenário possível para o futuro que poderá nunca ocorrer.

5. A escalada sem precedentes do conflito entre a OTAN e a Rússia - sanções financeiras e econômicas drásticas, rompimento das relações diplomáticas, etc. - muda o caráter da Guerra Fria entre os campos imperialistas. Antes de fevereiro de 2022, existia uma Guerra Fria com apenas uma possibilidade teórica de confrontos militares entre as potências envolvidas. Agora, temos uma Guerra Fria que pode se tornar uma Guerra Quente. Em outras palavras, a Terceira Guerra Mundial se tornou um perigo realista.

6. Tem havido uma mudança visível dentro da orientação política de várias potências imperialistas. Na Rússia, o regime bonapartista de Putin aumentou enormemente seu caráter autoritário e quase liquidou todos os elementos da democracia burguesa. Isto é combinado com uma intensa radicalização de seu Grande chauvinismo e militarismo russo, bem como uma mudança em direção a uma regulamentação mais estatal-capitalista. Nos Estados Unidos, observamos uma consolidação da burguesia monopolista em torno do projeto de uma política global agressiva contra a Rússia e a China e aprofundando sua aliança com a Europa Ocidental e o Japão (sob a liderança de Washington). Dentro da União Europeia, a elite dominante também está mudando para uma política externa qualitativamente mais agressiva contra a Rússia, combinada com um programa de intenso armamento e a expansão do Bonapartismo de Estado Chauvinista.

7. Da mesma forma, pode-se observar uma mudança na relação entre várias potências imperialistas. Além da evidente aceleração das tensões entre as potências ocidentais e a Rússia, vemos que a guerra empurrou a União Europeia a uma aliança mais estreita com os Estados Unidos, na qual Washington tem um papel de liderança indiscutível. Da mesma forma, é altamente provável que vejamos um aprofundamento da já existente "aliança estratégica" da Rússia e da China. Dadas as enormes sanções que a Rússia enfrenta, vemos um desenvolvimento desta relação com um domínio mais claro por parte de Pequim. Além disso, a aliança da Índia com os Estados Unidos ("Quad") sofreu com a política agressiva de sanções de Washington. Nova Delhi não apenas não se junta às sanções, mas de fato as sabota, aumentando enormemente sua importação de petróleo bruto russo. Este acordo está sendo financiado pela criação de um novo mecanismo Rublo-Rúpia que contribui para minar a hegemonia do dólar norte-americano. Embora estas tendências sejam óbvias por enquanto, nestes tempos não se pode excluir rupturas e mudanças de blocos - por exemplo, que a Rússia e a China ou os EUA e (partes da) UE comecem a se afastar um do outro.

8. Há alguns meses (em outubro-novembro de 2021), apontamos para a tendência de uma Segunda Queda dentro da Grande Depressão que começou nos outonos de 2019. A guerra e a onda de sanções aceleraram drasticamente a crise da economia mundial capitalista. Esta crise resulta na inflação global, bem como no aumento dramático dos preços da energia e dos alimentos. Isto, por sua vez, provocará a crise da fome e o desemprego em todo o mundo. Esperamos, portanto, uma série de revoltas populares em todos os continentes - um desenvolvimento que já começou no Sri Lanka, Peru e outros países.

9. Sob tais condições, é urgente que os socialistas autênticos lutem por uma orientação internacionalista e anti-imperialista consistente, a fim de construir uma liderança revolucionária para as massas. De fato, grandes setores dos socialistas autoproclamados são incapazes de se juntar ao lado correto da barricada da luta de classes ou, pior, eles se juntam à contra-revolução imperialista. Basicamente, podemos identificar três tendências de política reacionária na atual situação mundial: i) o *social-imperialismo*, ou seja, o apoio direto ou indireto a uma potência imperialista (por exemplo, vários partidos estalinistas e bolivarianos que apoiam a Rússia; ex-partidos populista estalinistas e de esquerda na Europa que apoiam uma política externa independente do imperialismo da UE ou até mesmo participam de seu governo como na Espanha); ii) o *social-pacifismo*, ou seja impotente exige "paz" sem combinar a luta contra a guerra com a luta contra sua base material - o capitalismo - e sem diferenciar entre *guerras progressistas* de povos oprimidos que merecem o apoio dos socialistas (como a resistência do povo ucraniano) e *guerras reacionárias* que os socialistas não podem apoiar (tal política é defendida por todo tipo de pacifistas pequeno-burgueses, estalinistas, reformistas, etc.); iii) o *economismo imperialista*, ou seja, negando a natureza legítima da luta do povo ucraniano contra a subjugação nacional por um poder imperialista e subordinando esta guerra justa como um detalhe insignificante à rivalidade entre as Grandes Potências (tal posição é apoiada por vários partidos estalinistas próximos à KKE grega, bem como por numerosos centristas trotskistas como a CWI, ISA, TML, IST, PTS/FT etc.). Os revolucionários devem se opor fortemente a tais posições revisionistas e refluir tal influência dentro das organizações dos trabalhadores e populares de massa. Eles devem explicar a real natureza do atual conflito e tentar conquistar ativistas de tais partidos para um consistente programa internacionalista e anti-imperialista.

10. Camaradas, irmãos e irmãs: preparem-se para catástrofes de todo tipo! Nos próximos meses e anos haverá uma série de Guerras Frias, próximas às guerras e Guerras Quentes, de desenvolvimentos (pré-)revolucionários e contra-revolucionários. Armem-se com o programa do socialismo revolucionário! Organizem-se, porque, como indivíduo, você não pode mudar nada! Organizem-se, porque como coletivo podemos resistir à pressão reacionária, lutar com as massas por um futuro melhor e derrotar os tiranos! Organizem-se, unindo-se à CCRI na construção de um Partido Mundial Revolucionário!

[1] Sobre a decadência do capitalismo ver, por exemplo, Michael Pröbsting: Anti-Imperialismo na Era da Rivalidade das Grandes Potências. Os Fatores por trás da Rivalidade Aceleradora entre os EUA, China, Rússia, UE e Japão. A Critique of the Left's Analysis and an Outline of the Marxist Perspective, RCIT Books, Vienna 2019, Chapter I, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/livro-o-anti-imperialismo-na-era-da-rivalidade-das-grandes-potencias-conteudo/>; do mesmo autor: The

Catastrophic Failure of the Theory of "Catastrophism" (O fracasso catastrófico da Teoria do "Catastrofismo"). Sobre a Teoria Marxista da Divisão Capitalista e sua Interpretação Errada pelo Partido Obrero (Argentina) e seu "Comitê Coordenador para a Refundação da Quarta Internacional", RCIT Pamphlet, maio de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/the-catastrophic-failure-of-the-theory-of-catastrophism/>; Perspectivas Mundiais 2018: Um mundo grávido de guerras e revoltas populares. Teses sobre a Situação Mundial, as Perspectivas da Luta de Classe e as Tarefas dos Revolucionários, RCIT Books, Viena 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2018/>; O Grande Roubo do Sul. Continuidade e Mudanças na Super-Exploração do Mundo Semi-Colonial pelo Capital Monopólio. Consequências para a Teoria Marxista do Imperialismo, RCIT Books, Viena 2013, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/livro-o-grande-roubo-do-sul/>; A economia mundial - rumo a uma nova ascensão? (2009), in: Fifth International, Volume 3, No. 3, Autumn 2009, <https://www.thecommunists.net/theory/world-economy-crisis-2009/>; Imperialism, Globalization and the Decline of Capitalism (2008), in: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis, Londres 2008, <https://www.thecommunists.net/theory/imperialism-and-globalization/>; RCIT: O avanço da contrarrevolução e a aceleração das contradições de classe marcam a abertura de uma nova fase política. Teses sobre a Situação Mundial, as Perspectivas da Luta de Classe e as Tarefas dos Revolucionários (janeiro 2016), Capítulos II e III, in: Comunismo Revolucionário No. 46, <http://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2016/>.

[2] A RCIT publicou numerosos documentos sobre o capitalismo na Rússia e sua ascensão a uma potência imperialista. Veja sobre isto, por exemplo, vários panfletos de Michael Pröbsting: As características peculiares do imperialismo russo. Um estudo sobre os monopólios, a exportação de capitais e a superexploração russa à luz da teoria marxista, 10 de agosto de 2021, <https://www.thecommunists.net/theory/the-peculiar-features-of-russian-imperialism/>; do mesmo autor: Teoria do Imperialismo de Lenin e a Ascensão da Rússia como Grande Potência. Sobre o entendimento e a incompreensão da Rivalidade Inter-Imperialista de Hoje à Luz da Teoria do Imperialismo de Lênin. Outra resposta aos nossos críticos que negam o caráter imperialista da Rússia, agosto de 2014, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialism-theory-and-russia/>; a Rússia como Grande Potência Imperialista. A formação do capital monopolista russo e seu império - uma resposta aos nossos críticos, 18 de março de 2014, in: Comunismo Revolucionário No. 21, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>; Imperialismo Russo e seus Monopólios, em: Revolutionary Communism No. 21, <http://www.thecommunists.net/theory/imperialist-russia/>; Russian Imperialism and Its Monopolies, in: New Politics Vol. XVIII No. 4, Whole Number 72, Winter 2022, https://newpol.org/issue_post/russian-imperialism-and-its-monopolies/; Novamente sobre o imperialismo russo (resposta aos críticos). Uma refutação de uma teoria que afirma que a Rússia não é um Estado imperialista, mas que seria antes "comparável ao Brasil e ao Irã", 30 de março de 2022, https://www.thecommunists.net/theory/once-again-on-russian-imperialism-reply-to-critics/#anker_1. Veja vários outros documentos da RCIT sobre esta questão em uma sub-página especial no site da RCIT: <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/chinese-and-russian-imperialism/>.

[3] Indicamos aos leitores uma página especial em nosso site onde atualmente são compilados cerca de 60 documentos da RCIT sobre o atual conflito OTAN-Rússia e a Guerra da Ucrânia: <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/compilation-of-documents-on-nato-russia-conflict/>. Os documentos mais importantes são: Manifesto da RCIT: Guerra da Ucrânia: Um ponto de viragem da importância histórica mundial. Os socialistas devem combinar a defesa revolucionária da

Ucrânia contra a invasão de Putin com a luta internacionalista contra o imperialismo russo, bem como da OTAN e da UE, 1 de março de 2022, https://www.thecommunists.net/worldwide/global/manifesto-ukraine-war-a-turning-point-of-world-historic-significance/#anker_2; RCIT: Guerra da Ucrânia: um programa de ação para socialistas autênticos, 1 de março de 2022, https://www.thecommunists.net/worldwide/global/ukraine-war-an-action-program-for-authentic-socialists/#anker_2; Medina Gunić: Um novo ponto de viragem na invasão russa da Ucrânia, 25 de fevereiro de 2022, https://www.thecommunists.net/worldwide/global/a-new-turning-point-in-russia-s-invasion-of-the-ukraine/#anker_2; RCIT: Abaixo a Guerra Imperialista de Putin contra a Ucrânia! Nem a Rússia nem a OTAN - contra todas as potências imperialistas! Por uma luta popular independente para defender a Ucrânia! Por um governo operário para derrotar os invasores russos! Não às sanções imperialistas! Por uma Ucrânia socialista independente! 24 de fevereiro de 2022, https://www.thecommunists.net/worldwide/global/down-with-putin-s-imperialist-war-against-the-ukraine/#anker_2.

[4] Veja aqui o site da campanha *International Workers Aid* (www.workers-aid.net) e o relatório sobre a primeira viagem do comboio Sunflower Convoy nesta Ucrânia (www.workers-aid.net/convoy/updates).

[5] Serhiy Kudelia: Putin's Occupation Options for Ukraine: Keep or Trade? PONARS Eurasia, 4 de abril de 2022, <https://www.ponarseurasia.org/putins-occupation-options-for-ukraine-keep-or-trade/>

[6] Veja nesta Declaração Conjunta da Federação Russa e da República Popular da China sobre as Relações Internacionais Entrando numa Nova Era e o Desenvolvimento Sustentável Global, 4 de fevereiro de 2022, <http://en.kremlin.ru/supplement/5770>. Para nossa análise, ver Michael Pröbsting: O Significado da Reunião Putin-Xi. Rússia e China fecham fileiras contra seus rivais imperialistas, 5 de fevereiro de 2022, https://www.thecommunists.net/worldwide/global/significance-of-putin-xi-meeting/#anker_1

[7] Paul Robinson: A Rússia em um momento decisivo? Dimensão Canadense, 1 de abril de 2022, <https://canadiandimension.com/articles/view/russia-at-a-turning-point>

[8] Citado em Paul Robinson: A Rússia em um momento decisivo?

[9] Ver, por exemplo, os capítulos 5 e 6 em um panfleto de Michael Pröbsting: Putin's Poodles (Desculpas a todos os cães). Os partidos stalinistas pró-russos e seus argumentos no atual conflito OTAN-Rússia, 9 de fevereiro de 2022, <https://www.thecommunists.net/theory/nato-russia-conflict-stalinism-as-putin-s-poodles/>.

[10] Тимофей Сергейцев: Что Россия должна сделать с Украиной, 03.04.2022, <https://ria.ru/20220403/ukraina-1781469605.html>; uma tradução em inglês está disponível aqui: Timofey Sergeytsev: O que a Rússia deve fazer com a Ucrânia? RIA Novosti, 3 de abril de 2022, <https://cryptodriftng.substack.com/p/day-40-what-Russia-should-do-with?s=r&fbclid=IwAR1P1VbCQvQIQcBKupt2KEKXOnc7EGihI9oyWm3qTccJiKRUzmB60fMnpxc> e <https://socialistincanada.ca/what-should-russia-fazer-com-ucrania/>. Para nossa análise, veja Michael Pröbsting: Um documento revelador do totalitarismo da Grande Rússia. Comentário sobre um artigo publicado pela agência de notícias estatal russa RIA Novosti, 7 de abril de 2022, <https://www.thecommunists.net/worldwide/europe/ria-novosti-great-russian-totalitarianism/>

[11] Fyodor A. Lukyanov: The End of an Era, 01.03.2022, <https://eng.globalaffairs.ru/articles/the-end-of-an-era/>; ver sobre isto também Paul Goble: A Elite Russa Dividida em Estratégia na Ucrânia mas Não em Metas do Kremlin Lá, Minic Says, Staunton, 1 de abril de 2022, <https://windowoneurasia2.blogspot.com/2022/04/russian-elite-divided-on-strategy-in.html>

[12] Andrey Sushentsov: Towards a 'Cold Peace' in Europe, Valdaï Discussion Club, 5 de abril de 2022, <https://valdaiclub.com/a/highlights/towards-a-cold-peace-in-europe/>

[13] Veja, por exemplo, John Helmer: The Russian Revolution Of 2022 - Capitalism in One Country, Dances With Bears, 10 de abril de 2022, <http://johnhelmer.net/the-russian-revolution-of-2022-capitalism-in-one-country/print/>

[14] Veja nisto os documentos da RCIT sobre a Guerra Comercial Global que foram compilados em uma sub-página especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/collection-of-articles-on-the-global-trade-war/>.

[15] O RCIT lidou em numerosas ocasiões

com a rivalidade inter-imperialista das Grandes Potências. Veja por exemplo RCIT: Perspectivas Mundiais 2021-22: Entrando em uma situação global pré-revolucionária, 22 de agosto de 2021, https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2021-22/#anker_1; veja também nosso livro de Michael Pröbsting: Anti-Imperialismo na Era da Grande Rivalidade de Poderes. Os Fatores por trás da Rivalidade Aceleradora entre os EUA, China, Rússia, UE e Japão. A Critique of the Left's Analysis and an Outline of the Marxist Perspective, RCIT Books, Vienna 2019, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/livro-o-anti-imperialismo-na-era-da-rivalidade-das-grandes-potencias-conteudo/>; veja também as seguintes obras do mesmo autor: "A Really Good Quarrel" (Uma briga muito boa). Reunião EUA-China Alasca: The Inter-Imperialist Cold War Continues, 23 de março de 2021, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/realmente-uma-boa-briga//>; Servants of Two Masters. Stalinism and the New Cold War between Imperialist Great Powers in East and West, 10 de julho de 2021, <https://www.thecommunists.net/theory/servants-of-two-masters-stalinism-and-new-cold-war/>; para mais trabalhos sobre este assunto, veja estas sub-páginas: <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/chinese-and-russian-imperialism/> e <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/collection-of-articles-on-the-global-trade-war/>.

[16] A RCIT publicou numerosos documentos sobre o capitalismo na China e sua transformação em uma Grande Potência. Veja, por exemplo, o livro acima mencionado de Michael Pröbsting: Anti-Imperialismo na Era da Grande Rivalidade do Poder; veja também pelo mesmo autor um ensaio publicado na segunda edição da *The Palgrave Encyclopedia of Imperialism and Anti-Imperialism* (editado por Immanuel Ness e Zak Cope), Palgrave Macmillan, Cham, 2020, https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007%2F978-3-319-91206-6_179-1; China: Um Poder Imperialista ... Ou Ainda não? Uma questão teórica com conseqüências muito práticas! Continuando o debate com Esteban Mercatante e o PTS/FT sobre o caráter de classe da China e suas conseqüências para a estratégia revolucionária, 22 de janeiro de 2022, https://www.thecommunists.net/theory/china-imperialist-power-or-not-yet/#anker_6; A transformação da China em uma potência imperialista. Um estudo dos aspectos econômicos, políticos e militares da China como uma Grande Potência (2012), in: *Revolutionary Communism* No. 4, <http://www.thecommunists.net/publications/revcom-number-4>; Como é possível que alguns marxistas ainda duvidem que a China tenha se tornado capitalista? (A

Critique of the PTS/FT), An analysis of the capitalist character of China's State-Owned Enterprises and its political consequences, 18 September 2020, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/como-e-possivel-que-alguns-marxistas-ainda-duvidem-que-a-china-se-tornou-capitalista/>

; Unable to See the Wood for the Trees (PTS/FT e China). Empirismo eclético e o fracasso do PTS/FT em reconhecer o caráter imperialista da China, 13 de agosto de 2020, <https://www.thecommunists.net/theory/pts-ft-and-chinese-imperialism/>; O surgimento da China como potência imperialista (artigo no jornal norte-americano "New Politics"), in: "New Politics", Verão 2014 (Vol:XV-1, Inteiro nº: 57). Veja muitos outros documentos da RCIT em uma sub-página especial no site da RCIT: <https://www.thecommunists.net/theory/china-russia-as-imperialist-powers/>

[17] Ver The Guardian, 26.3.2022, <https://www.theguardian.com/p/y5j65/sbl>

[18] Bruno Mações: "A Rússia não pode se dar ao luxo de perder, então precisamos de uma espécie de vitória": Sergey Karaganov sobre o que Putin quer. Um ex-assessor do Kremlin explica como a Rússia encara a guerra na Ucrânia, os temores sobre a NATO e a China, e o destino do liberalismo. The New Statesman, 2 de abril de 2022, <https://www.newstatesman.com/world/europe/ukraine/2022/04/russia-cannot-afford-to-lose-so-we-need-a-kind-of-a-victory-sergey-karaganov-on-what-putin-wants>

[19] Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: "Maritime Freedom" - A Keyword of the U.S./NATO Warmongers. Um importante representante da Marinha dos EUA delinea uma estratégia militarista contra a Rússia e a China, 5 de julho de 2021, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/maritime-freedom-a-keyword-of-the-u-s-nato-warmongers/>

[20] Todas as citações de Kalyeena Makortoff: Chefe do JP Morgan: EUA devem tomar uma posição mais forte sobre a Rússia, 4 Abr 2022 <https://www.theguardian.com/business/2022/apr/04/jp-morgan-could-lose-up-to-1bn-through-exposure-to-russia-says-boss-jamie-dimon-ukraine>

[21] Scott Simon: Como os Estados Unidos devem lidar com a aliança crescente entre a China e a Rússia? April 9, 2022, <https://www.npr.org/2022/04/09/1091859801/how-should-the-u-s-handle-china-and-russias-growing-alliance>

[22] Ted Galen Carpenter: McCarthyism reemergindo mais forte do que nunca nos debates políticos da Ucrânia, Responsible Statecraft, 11 de abril de 2022, <https://responsiblestatecraft.org/2022/04/11/mccarthyism-re-emerging-stronger-than-ever-in-ukraine-policy-debates/>

[23] Ma Jingjing: A Rússia deve aumentar a participação chinesa no yuan em meio às sanções ocidentais: analistas, Global Times, 12 de abril de 2022, <https://www.globaltimes.cn/page/202204/1259102.shtml>

[24] Adriel Kasonta: Cortando os laços com a Rússia contra os interesses da Europa, Asia Times, 8 de abril de 2022, <https://asiatimes.com/2022/04/cutting-ties-with-russia-against-europes-interests/>

[25] Thalif Deen: Invasão russa da Ucrânia desencadeia aumento das despesas militares na Europa, 8 de abril de 2022, <https://www.eurasiareview.com/08042022-russian-invasion-of-ukraine-triggers-rise-in-military-spending-in-europe/>

[26] O RCIT tratou extensivamente do conceito de Bonapartismo de Estado Chauvinista no contexto da Contra-Revolução da COVID. Publicamos mais de 100 panfletos, ensaios, artigos e declarações, além de um livro que são compilados em uma sub-página especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/collection-of-articles-on-the-2019-corona-virus/>.

Em particular, chamamos a atenção para nosso livro de Michael Pröbsting: A Contra-Revolução Global da COVID-19: O que é e como combatê-la. A Marxist analysis and strategy for the revolutionary struggle, RCIT Books, abril de 2020, <https://www.thecommunists.net/theory/the-covid-19-global-counterrevolution/>.

[27] Hubertus Bardt, Sandra Parthie, Christian Rusche: Europäische Wettbewerbewerbsfähigkeit: Potenziale nutzen, um nachhaltig zu wachsen. Institut der deutschen Wirtschaft, IW-Report 12/2022. Colônia, 25.03.2022, p. 5

[28] A RCIT analisou a crise da economia mundial capitalista em muitos detalhes. Os últimos documentos são compilados em uma sub-página especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/collection-of-articles-on-great-depression/>.

Chamamos especial atenção para os seguintes documentos: Michael Pröbsting: Economia Mundial: The Second Slump Has Begun, 28 de novembro de 2021, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/world-economy-the-second-slump-has-begun/>; pelo mesmo autor: World Economy: Heading towards a Second Slump? 2 October 2021, https://www.thecommunists.net/worldwide/global/world-economy-the-second-slump-has-begun/#anker_2; ver também Capítulo I e II em RCIT: Perspectivas Mundiais 2021-22: Entrando em uma Situação Global Pré-Revolucionária, 22 de agosto de 2021, https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2021-22/#anker_15; Michael Pröbsting: A Contra-Revolução Global da COVID-19: O que é e como combatê-la. Uma análise e estratégia marxista para a luta revolucionária, RCIT Books, abril de 2020, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAAs/livro-a-contra-revolucao-global-no-covid-19/>; pelo mesmo autor: Outra Grande Recessão da Economia Mundial Capitalista Já Começou. A crise econômica é um fator importante na atual mudança dramática da situação mundial, 19 de outubro de 2019, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAAs/comecou-outra-grande-recessao-da-economia-capitalista-mundial/>.

[29] Bloomberg: Está chegando uma Recessão? O Fed tornou-a inevitável, 29.03.2022, <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2022-03-29/is-a-recession-coming-the-fed-has-made-it-inevitable>

[30] Nicole Winfield: Os preços dos alimentos sobem para níveis recordes de interrupções de guerra na Ucrânia, 8 de abril de 2022, <https://apnews.com/article/russia-ukraine-business-health-europe-united-nations-fe2cc912195478f0dd861e6252c8f3b3>

[31] Liz Alderman: Os preços da energia na Europa sobem 45% à medida que a inflação atinge outro recorde, New York Times, 1 de abril de 2022, <https://www.nytimes.com/2022/04/01/business/economy/eurozone-inflation.html>; ver também Geoffrey Kaviti, Chinedu Asadu e Paul Wiseman: A guerra russa agrava a crise dos fertilizantes, arriscando o fornecimento de alimentos, 2022-04-12 <https://apnews.com/article/russia-ukraine-putin-business-health-europe-c6a2d11380d3cb0c48d4c22703d1954e>

[32] Laura Zhou: Sri Lanka e outros países em desenvolvimento contam o custo da guerra da Ucrânia, 10 de abril de 2022, https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3173516/sri-lanka-and-other-developing-countries-count-cost-ukraine?utm_source=rss_feed

[33] Intellinews: A economia da Rússia vai encolher 11,2%, a da Ucrânia 45%, diz Banco Mundial, 11 de abril de 2022, <https://intellinews.com/russia-s-economy-to-shrink-by-11-2-ukraine-s-by-45-says-world-bank-240981/?source=russia>

[34] Alexander Mihailov: Padrão de ouro do rublo russo pouco provável de durar, 6 de abril de 2022, <https://asiatimes.com/2022/04/russian-rubles-gold-standard-unlikely-to-last/>

[35] The Economist: Urso ferido. Sob sanções sem precedentes, como está se saindo a economia russa? Melhor do que você imagina, 30 de março de 2022, <https://www.economist.com/finance-and-economics/2022/03/30/under-unprecedented-sanctions-how-is-the-russian-economy-faring>

[36] Mark Trevelyan e Jacob Gronholt-Pedersen: Análise: Mesmo com sanções, a Rússia pode se dar ao luxo de alimentar sua máquina de guerra, Reuters, 12 de abril de 2022, <https://www.reuters.com/world/europe/even-with-sanctions-russia-can-afford-feed-its-war-machine-2022-04-12/>

[37] O governo russo já exortou o grupo BRICS (Brasil, China, Índia, Rússia e África do Sul) a estender o uso de moedas nacionais para operações de importação e exportação e integrar sistemas de pagamento. (A Rússia insta as nações BRICS a integrar sistemas de pagamento e cartões, Al Jazeera, 9 de abril de 2022, <https://www.aljazeera.com/news/2022/4/9/russia-urges-brics-nations-to-integrate-payment-systems-and-cards>)

[38] O Guardiã: O comércio global da China com a Rússia aumentou mais de 12% em março em relação ao ano anterior em termos de dólar, 13.4.2022, <https://www.theguardian.com/world/live/2022/apr/13/russia-ukraine-war-latest-biden-accuses-putin-of-genocide-russia-building-up-troops-on-eastern-border-satellite-images-show-live?page=with:block-6256672c8f087ec40b13f42d#block-6256672c8f087ec40b13f42d>

[39] John P Ruehl: A Índia prova que isolar a Rússia não é fácil, 10 de abril de 2022, <https://asiatimes.com/2022/04/india-proves-isolating-russia-isnt-easy/>

[40] Daniel W. Drezner: Quão robusta é a oposição global à invasão russa da Ucrânia? Washington Post, 30 de março de 2022, <https://www.washingtonpost.com/outlook/2022/03/29/how-robust-is-global-opposition-russias-invasion-ukraine/>

[41] Dan De Luce: Os Estados Unidos podem realmente reduzir o rublo russo a escombros?, NBC News, 9 de abril de 2022, <https://www.nbcnews.com/politics/national-security/short-term-russia-may-able-cope-sanctions-long-term-different-rcna22071>

[42] Citado em Ben Aris: Um embargo energético à Rússia prejudicaria tanto a Europa quanto a Rússia, Intellinews, 1 de abril de 2022, <https://intellinews.com/an-energy-embargo-on-russia-would-hurt-europe-as-much-as-russia-240001/?source=russia>

[43] Jan Kixmüller: Reaktion auf den Ukraine-Krieg Die Jugend in Deutschland steht unter Schock, 06.04.2022, https://www.tagesspiegel.de/wissen/reaktion-auf-den-ukraine-krieg-die-jugend-in-deutschland-steht-unter-schock/28229538.html?utm_source=pocket-newtab-global-de-DE

[44] Ver por exemplo: "A intervenção não transformará este conflito local na Terceira Guerra Mundial". Ela corre o risco de causar um ataque nuclear tático contra a Ucrânia, mas este risco é limitado dado o que qualquer retaliação poderia significar para a Rússia. O Ocidente deve, portanto, decidir por quanto tempo se absterá de se engajar e permitirá que a Rússia semeie a devastação na busca de ambições expansionistas por medo de vítimas ou da bomba". (Limor Simhony: Intervenção da OTAN na Ucrânia não desencadeará a Terceira Guerra Mundial, Política Externa, 1º de abril de 2022, <https://foreignpolicy.com/2022/04/01/nato-intervention-in-ukraine-wont-spark-world-war-iii/>). Para mais exemplos, veja Daniel Larison: Militarismo de Alguma Coisa está em Washington, Responsible Statecraft, 8 de abril de 2022, <https://responsiblestatecraft.org/2022/04/08/hunger-for-war-against-russia-in-ukraine-is-heating-up-in-washington/>; Tom Nagorski: Ex-líder da CIA: Hora de a OTAN "assumir mais riscos" na Ucrânia, Grid, 6 de abril de 2022, <https://www.grid.news/story/global/2022/04/06/former-cia-leader-time-for-nato-to-take-more-risks-in-ukraine/>

[45] Tom O'Connor: O Embaixador da Rússia nos EUA revela porque a guerra da Ucrânia começou, Como poderia terminar, Newsweek, 8 de abril de 2022, <https://www.newsweek.com/russias-ambassador-us-reveals-why-ukraine-war-began-how-it-could-end-1696596>; Rússia Hoje: Rússia-EUA "confronto militar" possível - Moscou, 9 de abril de 2022, <https://www.rt.com/russia/553584-antonov-confrontation-us-russia/>

[46] Manifesto RCIT: Guerra da Ucrânia: Um ponto de viragem da importância histórica mundial. Os socialistas devem combinar a defesa revolucionária da Ucrânia contra a invasão de Putin com a luta internacionalista contra o imperialismo russo, bem como da OTAN e da UE, 1 de março de 2022, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/manifesto-ukraine-war-a-turning-point-of-world-historic-significance/>

[47] Zoltan Pozsar: Estamos testemunhando o nascimento de uma nova ordem monetária mundial, Credit Suisse, 21.03.2022, <https://www.credit-suisse.com/about-us/news/en/articles/news-and-expertise/we-are-witnessing-the-birth-of-a-new-world-monetary-order-202203.html>; David Hollerith: Why 'money will never be the same' after Russia-Ukraine, and Bitcoin may benefit, 8 de março de 2022, <https://finance.yahoo.com/news/money-will-never-be-the-same-after-russia-ukraine-and-bitcoin-could-benefit-170422659.html>

[48] RCIT: Sri Lanka: Organizar a luta em massa para derrubar o regime de Rajapakshe! 3 de abril de 2022, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/sri-lanka-organize-the-mass-struggle-to-bring-down-the-rajapakshe-regime/>

[49] Damián Quevedo: Perú, el populismo sin nafta de Castillo se cae a pedazos, abril 06, 2022, <https://convergenciadecombate.blogspot.com/2022/04/peru-el-populismo-sin-nafta-de-castillo.html>

[50] Ver por exemplo RCIT: Perspectivas Mundiais 2021-22: Entering a Pre-Revolutionary Global Situation, 22 de agosto de 2021, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2021-22/>

[51] Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: LIT-CI "Defenderia sem dúvida a Rússia". Artigos recentes da LIT-CI revelam um passo perigoso em direção ao imperialismo social, 29 de março de 2022, https://www.thecommunists.net/worldwide/global/lit-ci-would-undoubtedly-defend-russia/#anker_1; pelo mesmo autor: A Rússia é "Dependente do Imperialismo Ocidental"? Observações críticas sobre a declaração da LIT-CI sobre o atual conflito OTAN-Rússia, 14 de fevereiro de 2022,

https://www.thecommunists.net/worldwide/global/critical-remarks-on-lit-ci-statement-on-the-current-nato-russia-conflict/#anker_1

[52] Ver, por exemplo, Guerra da Ucrânia: Declaração Conjunta da UIT-CI, LIT-CI e RCIT, 13 de março de 2022, <https://www.thecommunists.net/rcit/joint-statement-on-ukraine-war-13-3-2022/>; ver também <https://uit-ci.org/index.php/2022/03/14/ukraine-international-appeal-by-various-organisations/?lang=en>

[53] Veja os documentos relevantes da RCIT sobre as partes de esquerda confrontadas com o atual conflito OTAN-Rússia e a Guerra da Ucrânia em uma sub-página especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/compilation-of-documents-on-nato-russia-conflict/>